

A Financeirização Capitalista Mundial na Perspectiva da Economia Política

Rodrigo Dugnani

Mestrando em Economia Política (PUC-SP)

O processo de mundialização financeira, com seus efeitos euforizantes, mais uma vez esconde a grande contradição do capital. Por trás da ganância, da busca eterna do enriquecimento, se encontra a constante possibilidade de crise sistêmica inerente ao modo de produção capitalista. A análise do processo de mundialização financeira não pode se furtar do caráter político-ideológico necessário para a verdadeira compreensão da atual fase de desenvolvimento do processo de expansão capitalista. Essa percepção só é possível no âmbito da Economia Política. Apoiado na teoria do materialismo histórico de Marx e sua teoria econômica, a análise no âmbito da Economia Política cria condições para entender de forma sólida os problemas que envolvem as relações de produção e suas contradições.

Devido a mundialização econômica e as exigências de rentabilidade impostas pelo mercado financeiro, o capital afirma-se como um valor em processo voltado para sua auto-valorização e sua auto-reprodução. Esse status decorre da proeminência de uma forma de capital que se valoriza segundo o ciclo $D - D'$, se apropriando de um sobre-produto criado em condições sociais que não exclusivamente a da produção da mais-valia. A finança, vista dessa maneira, é a forma do capital portador de juros em situação de exterioridade em relação à produção, conforme evidenciado por Marx. Entendida a lógica do capital portador de juros, é possível inserir a análise do conceito de capital fictício, pois ele concretiza o fetichismo inerente ao capital portador de juros ou de aplicação financeira mais geral. O portador de títulos não enxerga que seu capital não passa de ficção dentro do processo de reprodução do capital. Para Marx, o desenvolvimento do capital portador faz o capital se multiplicar graças às formas que um mesmo capital ou crédito aparece em diversas mãos. Mas trata-se apenas de capital-dinheiro fictício, uma riqueza meramente imaginária.

Durante os “30 anos gloriosos” da economia mundial, o capitalismo foi marcado pelo desaparecimento passageiro da dominação da finança no interior do capital como um todo. A partir dos anos 1970, a situação começou a se modificar progressivamente. A retomada de acumulação de capital-dinheiro em função da acumulação efetuada na produção real e dos estoques de dinheiro de sistemas privados de pensões e de outras formas de poupança reconstituíram o capital portador de juros. Esse tipo de atividade financeira se beneficiou

intensamente do processo de liberalização e de desregulamentação dos mercados. Dessa forma, foram criadas diversas condições de mobilidade dos fluxos financeiros necessários para a valorização do capital de empréstimos e de aplicação. Além disso, a mundialização que promoveu a liberdade de circulação do capital financeiro permitiu que os capitais industrial e comercial também ganhassem mobilidade, fazendo do mundo objeto de ação do sistema capitalista como um todo. Com isso, a disputa capitalista se acirrou colocando os trabalhadores em concorrência no plano mundial, levando ao aumento brutal da taxa de exploração, isto é, da mais-valia, possibilitando que as grandes empresas recompusessem seus ganhos perdidos em função da voracidade do capital portador de juros sobre seus lucros.

Uma análise histórica das crises financeiras vivenciadas pelo capitalismo nas últimas décadas e a comparação de seus elementos com a atual crise sistêmica decorrente do estouro da bolha do subprime nos Estados Unidos permite concluir que essas crises recentes costumam seguir um mesmo padrão de desenvolvimento. O processo segue as seguintes etapas: 1. a especulação; 2. as avaliações de riscos suspeitas; 3. a vulnerabilidade a uma mudança de ambiente que precipita a reviravolta; 4. a revisão das estimativas; 5. o contágio de outros setores do mercado; 6. o choque dos bancos expostos; 7. a ameaça de um colapso global, seguido de uma recessão e um pedido de socorro aos bancos centrais.

A sociedade está diante de uma nova correlação de forças que impulsionou a financeirização da economia do cenário local para o mundial. Dessa maneira, ela se vê diante de desafios novos dentro de uma nova realidade. Entre os desafios mais iminentes destaca-se a necessidade de se criar novas formas de regular o sistema financeiro internacional, pois a regulação como vem sendo exercida está amplamente ultrapassada. A organização do mercado financeiro, associado às corporações, instituições financeiras, mídia e o mundo do crime, que relegam a segundo plano os interesses da sociedade, exige, urgentemente, a criação de um sistema de regulação internacional que não poupe esforço de coordenação global a fim de se responder os interesses do desenvolvimento da sociedade nos planos econômico, social e ambiental.

Apesar da força da crise financeira atual e os seus impactos inevitáveis sobre o processo de acumulação do capital, a sociedade ainda não está diante do fim do capitalismo. No entanto, este é o momento ideal para se questionar a viabilidade desta forma de organização, de produção, de distribuição e do padrão de consumo a que chegou o capitalismo contemporâneo. Somente uma nova correlação de forças políticas que devolva sentido à economia e a recoloca a serviço dos interesses da sociedade poderá alterar esse quadro de constantes recaídas do sistema capitalista.